ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES NO ESTUDO DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS[1]

Rosane Aparecida Rubert[2]

As atuais pesquisas em comunidades remanescentes de quilombos, de cunho antropológico, têm proporcionado esclarecimentos importantes sobre a inserção dos ex-escravos de origem africana na sociedade brasileira no período pós-abolição. Assim como vários estudos historiográficos apoiados na perspectiva da micro-análise, esses estudos antropológicos vêm desvelando faces importantes sobre as estratégias de resistência e reprodução social por parte deste importante segmento da sociedade brasileira. Uma dessas \"faces\" diz respeito à criação de redes de relações horizontais centradas em uma gramática do parentesco, estratégia de inserção que remonta ao tempo do cativeiro. Os novos estudos historiográficos sobre a escravidão, tanto como os antropológicos, apontam essas redes como a base societal por meio da qual a memória oral foi e é transmitida e os agenciamentos territoriais são concretizados. Através do uso concomitante e complementar de fontes orais e de pesquisa em arquivos, logrou-se, em pesquisa que resultou em tese de doutoramento recentemente defendida, reconstituir uma dessas redes, territorializada nos limites geopolíticos dos municípios de São Sepé e Formigueiro desde os idos de 1850. Além de corroborar os recentes estudos historiográficos sobre a existência da família escrava, suas condições de possibilidade e significados, a complementação de fontes (orais e documentais) revelou-se um recurso promissor para fazer frente às zonas de silêncio e lacunas de memória características de minorias étnicas marginalizadas, como é o caso dos descendentes de escravos.

1 Tese de doutorado

2 Professor Colaborador Horista